



CARTOGRAFIAS *ENTRE* INFÂNCIAS, ARTES E NATUREZAS: UM MAPEAMENTO DE ESTUDOS

Ivone Priscilla de Castro Ramalho [*]; Karyne Dias Coutinho [**]

Resumo

O artigo objetiva mapear e discutir a produção acadêmica sobre cartografias entre infâncias, artes e naturezas. Para isso, foi realizada uma busca sistemática em diversas bases de dados nacionais e internacionais, utilizando uma variedade de palavras-chaves relacionadas ao tema. Do conjunto de trabalhos encontrados, foram selecionados para este texto aqueles que se alinham a uma perspectiva pós-crítica de pesquisa, que suspende pretensões de comprovação e revelação para se abrir à criação e à invenção. A busca identificou uma escassez de estudos que discutam diretamente, nessa perspectiva específica, as intersecções propostas. No entanto, independentemente da quantidade, os trabalhos encontrados tensionam formatos acadêmicos convencionais e se abrem à experimentação, suscitando a potência de composições entre infâncias, artes e naturezas como possibilidade de reinventar tempos, espaços e práticas escolares. Assim, mais do que respostas conclusivas, o mapeamento aqui apresentado intenta provocar a abertura de frestas, entendidas como espaços *entre*, como zonas de indeterminação onde algo ainda pode vir a acontecer no campo da pesquisa cartográfica entre infâncias, artes e naturezas na escola.

Palavras-chave: Pesquisas cartográficas em educação; Infâncias; Artes; Naturezas.

CARTOGRAPHIES BETWEEN CHILDHOOD, ARTS AND NATURE: A MAPPING OF STUDIES

Abstract

This article aims to map and discuss academic literature on cartographies between childhoods, arts, and natures. To this end, a systematic search was conducted in several national and international databases, using a variety of keywords related to the topic. From the body of work found, those aligned with a post-critical research perspective, which suspends claims of proof



and revelation to open itself to creation and invention, were selected for this text. The search identified a scarcity of studies that directly discuss the proposed intersections from this specific perspective. However, regardless of their quantity, the works found challenge conventional academic formats and open themselves to experimentation, raising the potential of compositions between childhoods, arts, and natures as a possibility for reinventing times, spaces, and school practices. Thus, more than conclusive answers, the mapping presented here aims to open cracks, understood as spaces in between, as zones of indeterminacy where something may yet happen in the field of cartographic research between childhoods, arts, and natures in schools.

Keywords: Cartographic research in education; Childhoods; Arts; Natures.

CARTOGRAFÍAS ENTRE INFANCIAS, ARTES Y NATURALEZAS: UN MAPEO DE ESTUDIOS

Resumen

Este artículo tiene como objetivo mapear y discutir la literatura académica sobre cartografías entre infancias, artes y naturaleza. Para ello, se realizó una búsqueda sistemática en diversas bases de datos nacionales e internacionales, utilizando varias palabras clave relacionadas con el tema. Del conjunto de trabajos encontrados, se seleccionaron para este texto aquellos alineados con una perspectiva de investigación poscrítica, que suspende las pretensiones de prueba y revelación para abrirse a la creación y la invención. La búsqueda identificó una escasez de estudios que aborden directamente las intersecciones propuestas desde esta perspectiva específica. Sin embargo, independientemente de su cantidad, los trabajos encontrados desafían los formatos académicos convencionales y se abren a la experimentación, planteando el potencial de las composiciones entre infancias, artes y naturaleza como una posibilidad para reinventar tiempos, espacios y prácticas escolares. Así, más que respuestas concluyentes, el mapeo que aquí se presenta busca abrir grietas, entendidas como espacios intermedios, como zonas de indeterminación donde algo aún puede suceder en el campo de la investigación cartográfica entre infancias, artes y naturaleza en las escuelas.

Palabras clave: Investigación cartográfica en educación; Infancias; Artes; Naturalezas.

1. Primeiras pistas e movimentos



Este artigo apresenta e discute um mapeamento da produção acadêmica sobre cartografias *entre* infâncias, artes e naturezas. Mais do que categorias fixas ou conceitos delimitados, esses termos são aqui tomados como pontos cardeais móveis, pistas sensíveis que se deslocam e se reinventam à medida que experiências e encontros atravessam o percurso investigativo.

A escolha por mapear tais interseções emergiu no percurso de uma pesquisa cartográfica de Doutorado em Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, intitulada “Infâncias, Artes e Naturezas: experimentações *crianceiras* entre movimentos poéticos no Núcleo de Educação da Infância (NEI/CAP-UFRN)”¹, vinculada ao Coletivo de Estudos Poéticas do Aprender (CNPq/UFRN)², e realizada no Colégio de Aplicação da UFRN (Ramalho, 2025)³.

Nesta pesquisa, a cartografia é compreendida como uma maneira de acompanhar processos em constante transformação, e não como representação de um objeto fixo (Deleuze; Guattari, 2011; Kastrup, 2008). Essa perspectiva processual, sensível aos devires e às intensidades do presente (Passos; Kastrup; Escóssia, 2020), convida-nos a pensar o próprio mapeamento de estudos como um movimento que se faz e refaz em meio a frestas, pistas e fluxos de pensamento. Assim, ao delinearmos este panorama teórico (resultante do levantamento de estudos sobre o tema), não partimos em busca de uma delimitação definitiva ou conclusiva, mas de uma tentativa de abrir possíveis brechas, de deixar-nos afetar pelas produções existentes e escutar os silêncios e as lacunas que também emergem no processo.

Nesse sentido, o mapeamento de estudos aqui apresentado se entrelaça a uma perspectiva cartográfica de *pesquisa-experimentação* (Ramalho; Coutinho, 2024a), que se articula a uma ética-estética do encontro. Ao falarmos de pesquisa-experimentação, nos referimos a um modo de fazer pesquisa que questiona os moldes tradicionais pautados pela previsibilidade e pelo controle, e que se abre à criação de outros possíveis no próprio ato de pesquisar. Inspiradas por Deleuze e Guattari (2010; 2012b) e Deleuze (2013), entendemos a experimentação como uma prática que não busca interpretar realidades previamente dadas, mas sim habitá-las em sua potência de devir, criando espaços atravessados pela experiência a partir do que se está fazendo no presente (Coutinho, 2022). Assim, a experimentação pode ser



considerada como uma atitude filosófica e política no mundo, que nos convida a estarmos atentos ao presente, em estado de presença, como sugere Arendt (1979) e também Masschelein e Simons (2014). Tal gesto nos convida a suspendermos o tempo da produtividade e da resposta pronta para darmos lugar à escuta, à sensibilidade e ao encontro, reinventando o campo empírico enquanto o habitamos.

Nesse processo de pesquisa, voltamo-nos ao que se *compõe* no encontro entre infâncias, artes e naturezas. Quanto ao termo composição, acompanhamos Corazza e Silva (2003) que, inspirados em Deleuze, atentam para a importância de vivenciarmos agenciamentos sempre novos em educação — não se trata apenas de reunir corpos, mas de perceber o que acontece *entre* eles, a partir de seus movimentos e dos afetos que produzem quando se encontram. Nesse sentido, as composições que nos dispusemos a fazer atuaram como forças que nos abriram a movimentos poéticos (Coutinho, 2025) na nossa pesquisa, nos quais ativaram-se modos outros de sentirmos as relações entre infâncias, artes e naturezas na escola.

Em meio a possibilidades de compormos com infâncias, artes e naturezas, os entrecruzamentos que fomos experimentando na pesquisa iam nos levando a nos perguntar sobre cada uma dessas palavras. Foi assim que passamos a incorporar perspectivas teóricas que nos impulsionaram às experimentações: referências que nos serviram como pontos cardeais móveis, como marcos que iam flutuando conforme as experiências vividas e os encontros que atravessaram o percurso. Dessa forma, as palavras *infâncias*, *artes* e *naturezas* foram sendo significadas, no contexto da investigação, junto a autores e autoras dos quais nos aproximamos como intercessores do nosso estudo. Assim, para nós, *infâncias*, na companhia do que afirmam Kohan (2011) e Larrosa (2010), não se restringem à cronologia: são sentido e ambiente da/na experiência, alteridade que nos interpela, questiona saberes e práticas, abre possibilidades de novidade, descontinuidade, multiplicidade e devir. *Artes*, tal como entendem Deleuze e Guattari (2010), criam afectos e perceptos, instauram territórios de multiplicidade e intensidade, desafiando estruturas estabelecidas e propondo linhas de fuga; na educação, potencializam a invenção pedagógica e ampliam o sensível (Larrosa, 2013; Loponte, 2017). *Naturezas*, com inspiração nos estudos de Krenak (2020; 2022), Latour (2008) e Guattari (2012), são, para nós,



organismos vivos dos quais fazemos parte inseparável; entendemos naturezas múltiplas, híbridas e interdependentes, indissociáveis das dimensões sociais, subjetivas e ecológicas.

Na companhia dos sentidos aqui referidos a esses três termos, nos perguntamos: ao compor *infâncias, artes e naturezas*, abrimos brechas para habitar a escola como território de experimentação e invenção, criando modos outros de viver, aprender e ensinar? O que pode essa composição na escola?

Para circunscrever tais questões, realizamos uma busca sistemática em diversas bases de dados nacionais e internacionais, utilizando palavras-chaves em múltiplas combinações, tal como consta a seguir. Mas, antes de irmos aos resultados encontrados, consideramos importante destacar que o mapeamento de estudos é aqui mobilizado não apenas como técnica de revisão sistemática da literatura, mas como uma prática de criação de sentidos e composição de afetos. Partimos da intenção de localizar e apresentar a produção científica existente sobre o tema, identificando não apenas as principais contribuições acadêmicas, mas também as possibilidades ainda por inventar. Nesse gesto, interessam-nos mais as linhas de fuga (Deleuze; Guattari, 1977, 2012a, 2012c; Deleuze; Parnet, 1998) e as vibrações conceituais de um território movidoço traçado nesses entrecruzamentos. Foi assim que nos movimentamos por esses caminhos aqui apresentados, que se entrelaçam, que se fazem presentes como potência de pensamento, de sensibilidade e de criação de mundos.

Assim, com o desejo de nos entrelaçarmos a (e compormos com) outras pesquisas já realizadas em torno do tema — cartografia entre infâncias, artes e naturezas —, realizamos buscas no *site* do Banco de Teses e Dissertações da Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), no *site* da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), no Portal de Periódicos da CAPES e na base de dados da *Scientific Electronic Library Online* (SciELO). No âmbito internacional, consultamos as bases de dados da *Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal* (Redalyc), bem como da *Education Resources Information Center* (ERIC).

De modo geral, experimentamos, na busca, copulações de diferentes palavras-chaves: 1) cartografia, infâncias, artes e naturezas; 2) cartografia, crianças, artes e naturezas; 3) cartografia, arte e infância; 4) cartografia, arte e escola; 5) cartografia e espaçotempos; 6)



cartografia e linguagens artísticas; 7) cartografia e composições; 8) cartografia, infância e devir. A próxima seção deste texto vai apresentar os estudos encontrados, especificando-os por palavras-chaves consultadas em cada plataforma. Em relação ao recorte temporal da busca, houve variação conforme as bases consultadas, o que será abordado também na próxima seção.

Dos muitos trabalhos encontrados, selecionamos para apresentar aqui aqueles que se alinham a uma perspectiva pós-crítica de pesquisa, que suspende pretensões de comprovação e revelação para se abrir à criação e à invenção, entendendo o sujeito como um efeito da linguagem, dos textos, do discurso, da história, dos processos de subjetivação (Paraíso, 2004). Ao lançar esse olhar para a produção existente, buscamos não apenas fundamentar teoricamente a pesquisa de Doutorado que nos move, mas também expandir os horizontes do campo, lançando apostas e pistas para pensar as infâncias em suas potências estéticas, éticas e políticas.

Assim, o entrelaçamento com os materiais encontrados não se ateve apenas ao conteúdo dos textos, mas também ao modo como esses textos se fazem — como constroem suas proposições, como tratam os conceitos, como mobilizam práticas e como se deixam atravessar pelas experiências que narram. A leitura que fizemos foi, assim, também um exercício de escuta, de atenção e de composição: escutar o que vibra nas entrelinhas, atentar aos silêncios, às resistências, aos gestos de criação que habitam cada pesquisa.

Segue o que encontramos nesse mapeamento.

2. Mapas em devir

A busca no Banco de Teses e Dissertações da CAPES e da BDTD teve como delimitação programas de pós-graduação no campo da Educação, sem atribuição de recorte temporal, o que nos permitiu visualizar as pesquisas dessa área que dialogavam com os termos selecionados, independentemente do ano em que foram defendidas. Mantivemos a escolha de não demarcar período porque, nesses repositórios, o número de trabalhos encontrados sem delimitação temporal foi suficientemente manejável para permitir a leitura individual de cada resultado, evidenciando que a produção nacional sobre cartografias, infâncias, artes e naturezas ainda é



incipiente. Assim, delimitar um recorte temporal poderia levar à exclusão de estudos relevantes caso houvesse restrição de período.

Considerando esses critérios de busca, foram encontrados — com os oito termos selecionados e sem recorte temporal — 63 trabalhos; no entanto, desse total, apenas seis apresentam alguma relação mais direta com o nosso interesse de pesquisa, a saber:

Quadro 1 – Pesquisas na interface entre cartografias, infâncias, artes e naturezas em uma perspectiva pós-crítica no Banco de Teses e Dissertações da CAPES e na BDTD, sem recorte temporal.

AUTOR(A)	TÍTULO	PROGRAMA E UNIVERSIDADE
Fernanda Vieira de Medeiros (2012)	Dissertação de Mestrado <i>Cartografias com crianças: composições e paisagens que afirmam o desejo de uma vida bonita.</i>	Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade Federal do Espírito Santo.
Marco Antonio Oliva Gomes (2012)	Tese de Doutorado <i>Devires em cor: movimentos de vida pintados em cenas cotidianas das escolas.</i>	Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade Federal do Espírito Santo.
Kezia Rodrigues Nunes (2012)	Tese de Doutorado <i>Infâncias e Educação Infantil: redes de sentidos produções compartilhadas nos currículos e potencializadas na pesquisa com as crianças.</i>	Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade Federal do Espírito Santo.
Roniquele Moraes Pantoja (2018)	Dissertação de Mestrado <i>Instantâneos cartográficos de um currículo artífice.</i>	Programa de Pós-Graduação em Currículo e Gestão da Escola Básica – Universidade Federal do Pará.
Flávia Gisele Nascimento (2016)	Dissertação de Mestrado <i>Clube de arte na escola: espaço de criação e formação.</i>	Programa de Pós-Graduação em Educação: Teoria e Prática de Ensino – Universidade Federal do Paraná.
Carla Char (2020)	Dissertação de Mestrado <i>O que pode um currículo-dançante: experimentações de um currículo com dança.</i>	Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social – Universidade Federal de Minas Gerais.

Fonte: elaborado pelas autoras.



Passamos, a seguir, a apresentar os resultados encontrados nessas duas plataformas, especificando-os por palavras-chaves consultadas, e colocando mais atenção nos seis referidos estudos.

Com os termos de busca “cartografia, arte e infância”, encontramos três trabalhos, sendo que um deles apresenta maior interlocução com nossa pesquisa: a Dissertação de Fernanda Vieira de Medeiros (2012), intitulada *Cartografias com crianças: composições e paisagens que afirmam o desejo de uma vida bonita*. Essa mesma pesquisa de Medeiros (2012) foi a única que apareceu na busca que realizamos com a combinação das palavras-chave “cartografia, infância e devir”. Ao se abrir aos detalhes, ao desapercibido e ao que produz diferença, Medeiros (2012) compõe uma *melodiapesquisa*, inspirada na filosofia da diferença. Para isso, escreve de maneira ensaística, colecionando e copulando produções cartográficas desenhadas com conversas, imagens, fragmentos de ideias, versos-questões, em linhas que se aventuram em fuga, em traços ziguezagueantes das suas próprias experiências como professora e pesquisadora em uma instituição de Educação Infantil. Na esteira disso, a pesquisa se abre para composições de sentidos e de questões da infância que desenham a potência de uma vida bonita e agenciam conversas, movimentos, paisagens desse território como devir.

Em relação aos termos de busca “cartografia e espaçotempos”, apareceram oito trabalhos, sendo que, destes, duas teses dialogam mais com nossa pesquisa, a saber: *Devires em cor: movimentos de vida pintados em cenas cotidianas das escolas*, de Marco Antonio Oliva Gomes (2012); e *Infâncias e Educação Infantil: redes de sentidos produções compartilhadas nos currículos e potencializadas na pesquisa com as crianças*, de Kezia Rodrigues Nunes (2012).

Gomes (2012) escreveu a Tese em ensaios, os quais chamou de platôs, utilizando vários fragmentos de escritas entrelaçados a diversos artefatos. No texto, não há um sumário convencional, mas sim um movimento de agenciamentos de escrita, como um convite para se iniciar a leitura por qualquer platô. O pesquisador potencializou uma escrita em que pinta em branco uma tela colorida, que cotidianamente se esvazia dos clichês para se encher de vida, em um emaranhado de experiências próprias de pesquisa na escola. Pode-se perceber, com isso, que é uma Tese que foge do convencional, do que costumeiramente se espera desse tipo de



trabalho acadêmico, escapando de delimitações prévias entre problema, objetivos, justificativa, metodologia, revisão teórica e resultados. Em uma perspectiva processual de pesquisa, a Tese se lança a uma escrita imanente, onde o autor tece suas histórias em encontros potentes com outros corpos, vividos em diferentes *espaçostempos* escolares.

Já Nunes (2012) buscou compreender as relações entre os *conceitosterritórios* criança, infância e Educação Infantil, problematizando *sentidosproduções* desses conceitos com o intuito de rasurar concepções hegemônicas atribuídas a eles, em um movimento de desterritorialização que provoca a pensar no que eles juntos têm se tornado. Com base na filosofia da diferença, a pesquisadora suscitou discussões relevantes na intersecção desses três conceitos, no sentido de considerar a escola como espaço de encontro, de ampliar a temporalidade cronológica com a *aiônica*, de expandir a compreensão de infância como atemporal, de assumir que as crianças convidam a compartilhar com elas outras redes de *sentidosproduções* e outras possibilidades para os *espaçostempos* escolares.

Ao pesquisar as palavras-chave “cartografia, arte e escola”, encontramos um total de 15 trabalhos. Dentre eles, os que nos pareceram mais potentes em compor algo junto à nossa pesquisa são as Dissertações de Mestrado intituladas *Instantâneos cartográficos de um currículo artífice*, de Roniquele Moraes Pantoja (2018) e *Clube de arte na escola: espaço de criação e formação*, de Flávia Gisele Nascimento (2016).

A *pesquisaexperimentação* de Pantoja (2018) movimenta-se em torno da questão: o que pode um currículo artífice? O estudo se dá nas tramas de um currículo em seus movimentos de devir, produzindo instantâneos cartográficos das atuações da autora em uma escola de Educação Básica de Belém do Pará, a qual produz um currículo artífice, que experimenta composições inusitadas com os artesãos locais e vai se metamorfoseando em imagens outras de uma perspectiva curricular nesse contexto educativo. No seu percurso, a pesquisadora produziu um texto-ensaio, uma escrita-experimentação em um devir cartográfico de um *currículoexperimentação*, em movimentos entre oficinas, estudantes, mestres-ceramistas e professores-oficineiros. Sendo assim, a autora buscou acompanhar/experimentar como um currículo artífice forja movimentos na Educação Básica, ao pôr em funcionamento práticas de *artistagens* em argila, quando, em atos, estudantes, professores e oficinairos inventam os mais



variados fazeres, criando outras possibilidades de arranjos e invenções na escola. Com isso, experimentou-se o currículo escolar fora de formas dogmáticas de pensar, promovendo provocações desterritorializantes, como pulsão para fabular outras maneiras de sentir/fazer/pensar atos educativos.

A pesquisa de Nascimento (2016) abre-se aos processos, aos fluxos experimentais de docência junto aos participantes de um clube de arte em uma escola pública de Curitiba, no Paraná. A pesquisadora se coloca como uma cartógrafa que se potencializa da atenção para usar todos os seus sentidos a fim de capturar os acontecimentos que envolveram as experimentações artísticas naquele espaço, a partir de múltiplas lentes. Para acompanhar esses processos, ela utilizou diversas estratégias, como entrevistas/conversas, escritas no caderno de descobertas e suas próprias produções artísticas, considerando a constituição de um espaço que opera por linhas de fuga, que escapam dos moldes hegemônicos, abrindo brechas para experimentações de outras possibilidades. Assim, a cartógrafa investigou devires, compostos em ensaios e disparados como processos de transformação e criação.

Em relação aos termos de busca “cartografia e composições”, apareceram 23 trabalhos, dos quais apenas um dialoga mais diretamente com a proposição de nossa pesquisa: a Dissertação de Mestrado *O que pode um currículo-dançante: experimentações de um currículo com dança*, de Carla Char (2020). O referido estudo questiona o que pode a dança em um currículo que se abre para experimentações, de modo que corpo e pensamento se movimentem e provoquem o aprender com a diferença. Para isso, a pesquisadora vivenciou experimentações com dança no território de um currículo, como possibilidade de criar o que ela chama de currículo-dançante. Realizou sua pesquisa-intervenção junto a crianças do Ensino Fundamental em uma escola, cartografando as experimentações vivenciadas com dança contemporânea, propondo uma composição entre corpo, dança e currículo, que movimenta corpos-dançantes e desencadeia o aprender com as diferenças por meio de devires, provocando, assim, modos outros de ensinar e aprender.

Com os termos de busca “cartografia e linguagens artísticas”, apareceram 14 trabalhos; no entanto, todos se distanciam da proposição de nossa pesquisa. Já em relação às palavras-



chave “cartografia, crianças, artes e naturezas”, bem como “cartografia, infâncias, artes e naturezas”, não apareceram estudos no Banco de Teses e Dissertações da CAPES e na BDTD.

Ao realizarmos o levantamento na base de dados da SciELO no Brasil, com esses mesmos critérios aqui já referidos (em relação tanto ao recorte temporal quanto aos termos de busca), não foram encontrados artigos, exceto com o termo “cartografia e composições”, para o qual apareceram três trabalhos, mas que se distanciam da perspectiva de nossa pesquisa.

Diante desse levantamento inicial especificamente nesses repositórios, percebe-se que há poucas pesquisas cartográficas que relacionem artes e educação das infâncias numa perspectiva pós-crítica, e há ausência de estudos no entrecruzamento entre infâncias, artes e naturezas como possibilidade de devir.

No âmbito internacional, consultamos as bases de dados Redalyc e ERIC.

A busca no sistema de informação científica Redalyc foi feita com os termos “cartografia, crianças, artes e naturezas” e “cartografia, infâncias, artes e naturezas”, demarcando-se o período de 2020 a 2023. Delimitou-se esse recorte temporal mais recente para privilegiar discussões atuais e alinhadas às problemáticas contemporâneas da pesquisa e, sobretudo, para viabilizar o estudo diante do expressivo número de trabalhos retornados quando a busca era feita sem delimitação temporal.

Considerando esses critérios, foram encontrados na Redalyc 47 artigos do Brasil e um de Portugal, dentre os quais apenas quatro se aproximam, em parte, em alguns aspectos, de nossa pesquisa, tal como segue:

Quadro 2 – Pesquisas na interface entre cartografias, infâncias, artes e naturezas em uma perspectiva pós-crítica em âmbito internacional latino-americano na base de dados Redalyc, com recorte temporal de 2020 a 2023.

AUTOR(A)	TÍTULO	REVISTA DE PUBLICAÇÃO
Sandra Kretli da Silva (2020)	Artigo <i>Des/obedecer, des/dobrar, des/fiar e tecer uma ética da existência nos cotidianos escolares.</i>	Educar em Revista
Janete Magalhães Carvalho, Sandra Kretli da Silva e Tânia Maria Delboni (2022)	Artigo <i>Docências em narrações cristalinas transversalizando como sujeitos do conhecimento: o homem, a natureza e a tecnologia.</i>	Educar em Revista



Helen Moura Pessoa (2022)	Artigo <i>Educação ambiental e currículos nômades: conexões com a filosofia pós- estruturalista.</i>	Revista Ensaio: Pesquisa em Educação em Ciências
Valéria Iared <i>et al</i> (2021)	Artigo <i>Educação ambiental pós-crítica como possibilidade para práticas educativas mais sensíveis.</i>	Revista Educação & Realidade

Fonte: elaborado pelas autoras.

O artigo *Des/obedecer, des/dobrar, des/fiar e tecer uma ética da existência nos cotidianos escolares*, de Sandra Kretli da Silva (2020) traz fragmentos cartográficos de experiências originadas por professoras e crianças de centros de Educação Infantil em Vitória/ES. Tais experiências, impulsionadas por uma política da alegria, buscam criar resistências às políticas curriculares centralizadoras e padronizadoras, abrindo espaço para novas formas de currículo. Assim, o trabalho problematiza a força da alegria constituída nos coletivos das escolas, que surge em meio aos rituais cotidianos, normatizações e prescrições de vida, bem como aos tempos cronometrados e hierarquizados. A pesquisa focaliza a insurgência dos corpos como uma possibilidade de desvinculação das políticas da verdade, que buscam nos fixar em um único modelo sob a vigilância e controle das avaliações padronizadas, métricas de qualidade e recompensas baseadas na produtividade. Destaca-se que a criação de políticas da alegria nas escolas implica a construção de espaços-tempo propícios para redes de diálogo, utilizando as linguagens das artes como catalisadoras de pensamentos capazes de impulsionar resistências coletivas e inovações curriculares.

O artigo *Docências em narrações cristalinas transversalizando como sujeitos do conhecimento: o homem, a natureza e a tecnologia*, de Janete Magalhães Carvalho, Sandra Kretli da Silva e Tânia Maria Delboni (2022), tem como objetivo enfatizar o papel do ensino por meio de narrativas cristalinas e fabulatórias que conectam o homem, a natureza e a tecnologia como sujeitos do conhecimento. Para alcançar isso, o estudo discorre sobre o movimento do pensamento nas redes de conversação estabelecidas em processos de formação continuada com professores(as) do Ensino Fundamental em um sistema público municipal. O campo problemático da pesquisa visa compreender quais movimentos do pensamento são gerados a partir das narrativas construídas em redes de conversação. A produção dos dados



envolve observação participante e registros em diário de campo das narrativas claras e fabulosas emergentes na rede de conversação com as personagens-escolas (docentes). Essas narrativas são tratadas como imagem-cristal e imagem-fábula. Ao longo da pesquisa, a questão central assume duas dimensões interligadas: a relação entre imagem-cristal e imagem-fábula potencializando o movimento do pensamento dos docentes, e a interação entre homem, natureza e tecnologia como sujeitos do conhecimento. As narrativas das personagens-escola visualizam as possibilidades na docência, contribuindo para uma vida e/ou a formação de mundos não antropocenos.

O artigo *Educação ambiental e currículos nômades: conexões com a filosofia pós-estruturalista*, de Helen Moura Pessoa (2022), procura percorrer diversas possibilidades curriculares para a educação ambiental, considerando os deslocamentos que podem ocorrer nos tempos e espaços escolares e comunitários. Na cartografia desenvolvida durante o Doutorado em Educação de que trata o artigo, são identificadas composições capazes de criar aberturas nos encontros com os movimentos que perpassam a escola, a universidade e a comunidade, assim como com as culturas locais e os saberes diversos. A pesquisa aposta nos agenciamentos eco-comunitários para desafiar o monoculturalismo, promovendo conexões que atravessam o multiculturalismo e suas interações com a educação ambiental. Ao final, o estudo nos leva a pensar em um currículo nômade como um espaço de liberdade, sem barreiras e fronteiras, visando potencializar a integração de uma educação ambiental decolonial, tendo as artes como um campo de resistência para isso.

O artigo *Educação ambiental pós-crítica como possibilidade para práticas educativas mais sensíveis*, de Valéria Iared *et al* (2021), tem como objetivo apresentar e discutir a importância da sensibilidade na formação de vínculos afetivos e no engajamento em questões ambientais em diversos grupos. Os argumentos foram elaborados a partir da investigação de conteúdo de três pesquisas de Doutorado, desenvolvidas em contextos distintos, nas quais os resultados proporcionaram reflexões convergentes: experiências na natureza durante a infância; vivências e conexões afetivas com lugares e momentos; experiência estética/sensorial no ambiente natural. Para os autores, a experiência estética proporciona uma transcendência do olhar racional e imediatista em nossa compreensão como ser-no-mundo. Além disso, o estudo



discute que a estética abre caminhos para a imaginação, criatividade, afetividade e questionamentos sobre as posturas antropocêntricas em nossa sociedade. Nessa perspectiva, há uma integração entre corpo, mente e cultura e a concepção de sensibilidade nesse contexto refere-se aos encontros com as materialidades da natureza, como vento, pedra, plantas, animais, mar, sol e outros elementos não humanos, nos quais há abertura para a emergência de sentimentos, emoções e afetividade. Dessa forma, os autores sinalizam que o sensível é potente para a emergência de uma educação ambiental pós-crítica e para a virada afetiva/corporal/ontológica.

Na plataforma ERIC, ao realizarmos a busca com os termos “*cartography, childhood, arts and natures*”, num recorte temporal de 2020 a 2023, apareceram oito artigos, mas que se distanciam da perspectiva de nossa pesquisa de Doutorado. Já com os termos “*cartography, children, arts and nature*”, no mesmo recorte temporal, encontramos 31 artigos, dentre os quais destacamos três que dialogam, em parte, com a perspectiva de nossa pesquisa, e que apareceram em periódicos da Inglaterra, da Turquia e dos Estados Unidos.

Quadro 3 – Pesquisas na interface entre cartografias, infâncias, artes e naturezas em uma perspectiva pós-crítica em âmbito internacional na base de dados ERIC, com recorte temporal de 2020 a 2023.

AUTOR(A)	TÍTULO	REVISTA DE PUBLICAÇÃO
Jenny Hallam, Laurel Gallagher e Kay Owen (2022)	Artigo <i>The secret language of flows: insights from an outdoor, arts-based intervention designed to connect primary school children to locally accessible nature.</i>	<i>Environmental Education Research.</i>
Ayça Segigür e Semsettin Edeer (2021)	Artigo <i>Place-based visual arts education in natural environment.</i>	<i>Pegem Journal of Education and Instruction.</i>
Charlotte Nielsen <i>et al</i> (2020)	Artigo “ <i>Seeing</i> ” and “ <i>Being Seen</i> ”: <i>an embodied and culturally sensitive arts-integrated pedagogy creating enriched conditions for learning in multi-cultural schools.</i>	<i>International Journal of Education & the Arts.</i>

Fonte: elaborado pelas autoras.



O artigo *The secret language of flowes: insights from an outdoor, arts-based intervention designed to connect primary shool children to locally acessible nature*⁴, de Jenny Hallam, Laurel Gallagher e Kay Owen (2022), utiliza a etnografia para explorar uma intervenção ao ar livre, baseada em artes, dirigida pela *Urban Wilderness*, em parceria com uma escola primária no Reino Unido. A *Urban Wilderness* é uma organização sem fins lucrativos que busca conectar crianças e jovens de áreas desfavorecidas à natureza localmente acessível. Durante três oficinas, facilitadores da *Urban Wilderness*, um artista profissional e professores conduziram atividades em um parque local com um grupo de dez crianças entre nove e dez anos de idade. Juntos, eles co-criaram uma escultura exibida no parque como parte de um evento familiar. A partir de gravações de áudio e fotografias registradas durante as oficinas, o estudo teceu pelo menos duas possibilidades articuladas: de uma perspectiva protagonizada pelas crianças; e de métodos baseados em artes poderem contribuir para fortalecer o senso de conexão das crianças com o parque e aprofundar o conhecimento delas sobre as plantas observadas. O estudo argumenta que os métodos baseados em artes proporcionaram uma presença mais significativa na natureza, incentivando uma atenção especial ao ambiente e reflexões sobre a relação das crianças com ele. Além disso, a criação artística facilitou o desenvolvimento de compreensões da natureza, ressaltando a importância da aprendizagem ao ar livre.

O artigo *Place-based visual arts education in natural environment*⁵, de Ayça Segigür e Semsettin Edeer (2021), apresenta uma pesquisa que visa contribuir para o processo educacional em uma escola de Ensino Fundamental da Turquia, buscando integrar arte com experiência ambiental natural, incorporando esta à vivência estética em práticas de artes visuais em contextos locais. Por meio de pesquisa-ação colaborativa, o estudo envolveu doze crianças de sete a onze anos de idade. Os dados foram construídos por observação, entrevistas semiestruturadas, diários de reflexão do pesquisador e dos participantes, além de gravações em vídeo. No percurso da pesquisa, percebeu-se que as crianças estabeleceram conexões entre elementos naturais e expressões artísticas, realizando descobertas no ambiente natural. Os pesquisadores consideram que a criação de relações entre elementos naturais e expressões artísticas, juntamente com a experiência estética em ambientes naturais, contribuem para a



aprendizagem das crianças. Nesse sentido, apostam numa educação artística baseada no local, que enfoca os recursos naturais e o ambientalismo, acreditando que essa perspectiva interdisciplinar contribui para o desenvolvimento de atitudes críticas e autorreflexivas.

O artigo “*Seeing*” and “*Being Seen*”: *an embodied and culturally sensitive arts-integrated pedagogy creating enriched conditions for learning in multi-cultural schools*⁶, de Charlotte Nielsen *et al* (2020), apresenta uma investigação pedagógica desenvolvida junto a crianças de dez a onze anos de idade em escolas culturalmente diversas na cidade do Cabo e Copenhaga, em um projeto artístico-educativo coordenado por um grupo intercultural de artistas-educadores, professores e pesquisadores da África do Sul e Dinamarca. O grupo criou um formato de *workshop* no cruzamento entre dança e artes visuais, centrado nos elementos da natureza (água, ar, terra e fogo). Nesse sentido, os autores suscitam uma discussão que se abre para os possíveis efeitos do entrecruzamento das experiências das crianças e dos artistas-educadores (que se expressa em múltiplas maneiras de aprendizagem), argumentando que tais vivências podem favorecer uma pedagogia corporificada e culturalmente sensível, através da integração de diferentes formas de arte na educação das infâncias.

Pelo levantamento que realizamos nas bases de dados nacionais e internacionais, chamou nossa atenção o fato de não precisarmos aplicar um recorte temporal na busca feita em repositórios nacionais, já que, como referido, o número de resultados era reduzido e viável de ser estudado em sua totalidade. Isso indica uma baixa incidência de produções nacionais que componham com os termos buscados, mesmo considerando todo o período disponível. Já nas bases internacionais, como Redalyc e ERIC, foi necessário estabelecer um recorte temporal (2020-2023), devido ao volume expressivo de resultados quando não havia delimitação. Isso indica que há abertura para produções internacionais na interface entre infâncias, artes e naturezas. Contudo, ainda que os números encontrados tenham sido significativamente maiores, apenas uma parcela pequena desses artigos se aproxima da perspectiva que buscávamos. Nas bases internacionais, percebemos também a ausência de estudos nesses entrecruzamentos como possibilidade de devir (Deleuze, 2011; Deleuze; Guattari, 2012b), conforme nossos interesses de pesquisa.



3. Frestas

Este mapeamento de estudos foi se desenhando como uma travessia entre pistas, rastros e ecos que se insinuaram nas buscas realizadas. Ao nos movimentarmos pelos repositórios nacionais e internacionais, como referimos, não encontramos um número expressivo de pesquisas que se aproximem, de forma direta e intensiva, da proposta de nossa investigação. Mas talvez o mais relevante não seja aquilo que se encontra ou deixa de se encontrar, e sim o modo como nos deixamos tocar pelo que aparece, pelo que pulsa nas entrelinhas, pelo que escapa das buscas sistematizadas.

As produções localizadas, ainda que em número reduzido, apontam ressonâncias importantes. Em suas formas de escrita e composição, algumas delas tensionam os formatos acadêmicos convencionais e se abrem à experimentação — permitindo-nos vislumbrar modos outros de pesquisar com crianças, infâncias, artes e naturezas. Há nessas escritas um convite à escuta do mundo, à invenção de outros jeitos de fazer pesquisa, mais implicados com os fluxos da vida, com os atravessamentos e micropolíticas que podem emergir no cotidiano. Nesse sentido, os encontros que tivemos com as pesquisas resultantes da busca provocaram ainda mais as experimentações crianceiras que estávamos fazendo na escola entre infâncias, artes e naturezas. Os estudos que íamos encontrando reverberavam nas nossas tentativas de *criançar* entre espaços e tempos escolares, ao cartografarmos os modos como uma professora de crianças pode ser afetada por essas composições.

Ao nos colocarmos em relação com tais estudos, fomos atravessadas pela noção spinoziana de afeto: “as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída” (Spinoza, 2021, p. 98). Inspirados nessa premissa, Corazza e Silva (2003) nos lembram que encontros e composições não são uma simples reunião de corpos, mas um campo de efeitos: aumentam ou diminuem a nossa potência de agir. Nesse sentido, os estudos que encontramos, sobretudo os que tensionavam formatos acadêmicos, nos convidaram a experimentar possibilidades outras da pesquisa no chão da escola, a abrir brechas para tempos e espaços escolares (Coutinho, 2018), a inventar modos de pesquisar e educar mais próximos da ética da alegria e do encontro. Assim, cada leitura que fizemos dos estudos encontrados na



busca foi mais um atravessamento de forças que ora expandia, ora tensionava nossa potência de pesquisa. Cada trabalho encontrado nos instigava a perguntar: O que pode uma professora-artista, uma professora-performer, uma professora-errante ao se lançar em composições com infâncias, artes e naturezas⁷?

Foi assim que, no atravessamento com os estudos que encontramos, percebemos que o mapeamento não era apenas sobre “o que existe” em termos de publicações, mas sobre como essas escritas se compuseram com a nossa experiência. Nos deslocaram do habitualmente dado e nos instigaram a pensar a escola como plano de imanência (Deleuze, Guattari, 2010): um lugar em que o pensamento e a vida não se separam, em que a infância é experimentada como devir (Kohan, 2007, 2011), em que a educação se reinventa em movimentos, nos afetos, nas composições entre corpos humanos e não humanos.

Ao mesmo tempo, aquilo que não aparece — as lacunas, os silêncios, os vazios — não é entendido aqui como ausências a serem preenchidas ou problemas a serem resolvidos, mas sim como frestas, como espaços *entre*, como zonas de indeterminação onde algo ainda pode vir a acontecer. Frestas que nos instigam, não pelo âmbito da falta, mas pelas possibilidades que abrem. Deixam no ar uma vibração, uma suspensão que provoca a caminhar, compondo, deslocando.

Perceber essas frestas é também acolher a incompletude do próprio mapa que se traça. Em lugar de conclusões, deixamos aqui linhas de passagem. Talvez este mapeamento de estudos não diga tanto sobre o que se sabe, mas sobre uma provocação e um convite para as possibilidades de sentir e experimentar, em meio a composições sempre provisórias entre infâncias, artes, naturezas e cartografias, porque elas partem do presente, do instante, do acontecimento.

O que emerge, portanto, não é uma resposta ou um fechamento, mas um movimento de abertura: um gesto que aponta a necessidade de escutar o que ainda não tem nome, de inventar caminhos no tempo em que se pisa, de fabular mundos outros com e a partir das crianças, das materialidades, dos afetos, dos tempos das infâncias, dos ritmos da terra.

Que estas frestas permaneçam abertas — e que delas possam brotar outras perguntas, outros encontros, outros movimentos...



NOTAS

¹ Essa pesquisa foi cadastrada no sistema nacional e unificado de registros de pesquisas envolvendo seres humanos — Plataforma Brasil (PLABR) — e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), com Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) — sob o número 63101022.2.0000.5292 —, garantindo a proteção da integridade, da dignidade e dos interesses de todos os participantes.

² O Coletivo de Estudos Poéticas do Aprender (CNPq-UFRN) investiga conexões entre artes cênicas e educação, em duas frentes de trabalho: 1) elaboração de cartografias das potencialidades educativas de processos artísticos, no âmbito do teatro, da dança e da performance, perguntando como suas diferentes matrizes estéticas podem nos ajudar a deslocar sentidos e práticas já cristalizados no campo educacional; 2) pesquisa sobre a dimensão poética da docência, investigando as contribuições da área das artes cênicas para a produção de conhecimento relativa à formação inicial e continuada de professores e professoras. Tendo a experimentação como modo de habitar a pesquisa entre artes cênicas e educação (Coutinho, 2024), o Coletivo está atualmente composto por pesquisadores de Mestrado, Doutorado e Pós-Graduação vinculados aos Programas de Pós-Graduação em Educação (PPGED) e em Artes Cênicas (PPGARC), por estudantes de licenciatura em Pedagogia, em Teatro e em Dança da UFRN, bem como por professores(as) colaboradores(as) vinculados(as) ao Núcleo de Educação da infância (NEI-Cap/UFRN), ao Instituto de Artes da UNESP e à Faculdade de Artes da Universidade de Luanda (Angola). @poeticasdoaprender. E-mail: poeticasdoaprender@gmail.com.

³ Essa pesquisa de Doutorado em Educação foi financiada pelo Programa de Incentivo à Pesquisa e à Extensão do Núcleo de Educação da Infância (PRONEI/UFRN), que tem como propósito fomentar a prática da pesquisa e da extensão no Colégio de Aplicação da UFRN, em interface com as práticas inovadoras de ensino e de produção de conhecimento desenvolvidas na instituição. Também obteve financiamento da PROEX/UFRN, por meio do edital 012/2023, que aprovou o Projeto Infâncias, Artes e Naturezas, desenvolvido sob o código PJ246-2024. A realização da pesquisa, associada ao referido projeto de extensão, culminou na publicação de dois livros e três artigos de nossa autoria (Ramalho e Coutinho, 2025, 2024a, 2024b, 2024c, 2024d).

⁴ *A linguagem secreta das flores: insights de uma intervenção ao ar livre, baseada em artes, projetada para conectar crianças do ensino fundamental à natureza localmente acessível* (trad. nossa).

⁵ *Educação em artes visuais baseada no local em ambiente natural* (trad. nossa).

⁶ *“Ver” e “Ser visto”: uma pedagogia integrada e culturalmente sensível às artes, criando condições enriquecidas para a aprendizagem em escolas multiculturais* (trad. nossa).

⁷ “O termo híbrido *professora-artista-performer-errante* foi sendo composto no decorrer de nossa pesquisa, com base em: Corazza (2012), quando afirma que professores-artistas podem desencadear devires, já que ambos (o professor e o artista) ‘invocam uma zona objetiva de indeterminação ou de incerteza, comum e indiscernível, na qual não se pode dizer onde passam as fronteiras de uns e de outros’ (p. 8); em Loponte (2005), ao situar uma docência artista ‘não como uma docência em artes, mas um modo de ser docente que seja ele mesmo mais artista’ (p. 73), ‘baseada na invenção de si mesmo como prática de liberdade e produzida e fortalecida nas relações de amizade’ (p. 138); em Ciotti (2014), que se refere ao professor-performer como aquele para quem o trabalho pedagógico na escola ‘é, acima de tudo, um processo de criação e experimentação’ (p. 43); e em Kohan (2015), para quem a errância de um educador está na incorporação da vida em movimento, o que tem a ver com a intensidade e intimidade das relações que podem se estabelecer, com a não conformação de um estado fixo das coisas, com a abertura, atenção e sensibilidade aos sinais revolucionários no que existe, com o esvaziamento de uma posição de saber para um olhar sensível aos saberes do mundo, com a afirmação de uma vida, um modo de vida, por criar” (Ramalho e Coutinho, 2025, p. 4).



Referências

ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. Trad. Mauro W. Barbosa. 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1979.

CARVALHO, Janete Magalhães; SILVA, Sandra Kretli da; DELBONI, Tânia Maria Zanotti Guerra Frizzera. Docências em narrações cristalinas transversalizando como sujeitos do conhecimento: o homem, a natureza e a tecnologia. *Educar em Revista*, Curitiba, v. 38, 2022. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/er/a/bKWPZk4k5nnPNLv93ZvmsBd/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 30 jun. 2025. DOI: <https://doi.org/10.1590/1984-0411.85986>.

CHAR, Carla. *O que pode um currículo dançante*: experimentações de um currículo com dança. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/35587>. Acesso em: 30 jun. 2025.

CIOTTI, Naira. *O professor-performer*. Natal: EDUFRN, 2014.

CORAZZA, Sandra Mara; SILVA, Tomaz Tadeu da. *Composições*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

CORAZZA, Sandra Mara. Contribuições de Deleuze e Guattari para as pesquisas em educação. *Revista Digital do Laboratório de Artes Visuais*, n. 8, mar. 2012.

COUTINHO, Karyne Dias. A dimensão poética da formação docente. *Linha Mestra*, v. 19, n. 56, p. 1-14, mai./ago., 2025.

COUTINHO, Karyne Dias. Coletivo de Estudos Poéticas do Aprender: experimentação como modo de habitar a pesquisa em artes cênicas. *Rascunhos*, Uberlândia, v. 11, n. 2, p. 102-123, ago./dez., 2024.

COUTINHO, Karyne Dias. Dimensão artística da formação de professoras/es. In: COUTINHO, Karyne Dias; FUSARO, Márcia (Org.). *Educação, artes e outras linguagens em devires cartográficos*. São Paulo: Tesseractum, 2022. p. 8-14.

COUTINHO, Karyne Dias. Por uma didática da improvisação. *Em Aberto*, Brasília, v. 31, n. 101, p. 121-132, jan./abr. 2018.



DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Trad. Peter Pál Pelbart. 3ª ed. São Paulo: 34, 2013.

DELEUZE, Gilles. *Crítica e Clínica*. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: 34, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Peter Pál Pelbart e Janica Caiafa. v. 5, 2ª ed. São Paulo: 34, 2012a.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Suely Rolnik. v. 4, 2ª ed. São Paulo: 34, 2012b.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. v. 3, 2ª ed. São Paulo: 34, 2012c.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. v. 1, 2ª ed. São Paulo: 34, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é filosofia?* Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. 3ª ed. São Paulo: 34, 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1998.

GOMES, Marco Antonio Oliva. *Devires em cor: movimentos de vida pintados em cenas cotidianas das escolas*. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Espírito Santo, 2012. Disponível em: <https://dspace4.ufes.br/items/73d014fc-61c4-4082-9bee-9a7d10410638/full>. Acesso em: 30 jun. 2025.

GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Trad. Maria Cristina F. Bittencourt. 21ª ed., Campinas, SP: Papirus, 2012.

HALLAM, Jenny; GALLAGHER, Laurel; OWEN, Kay. The secret language of flowers: insights from an outdoor, arts-based intervention designed to connect primary school children to locally accessible nature. *Environmental Education Research*, v. 28, 2022. Disponível em: <https://eric.ed.gov/?id=EJ1325577>. Acesso em: 30 jun. 2025.



IARED, Valéria Ghislotti; HOFSTATTER, Lakshmi Juliane Vallim; TULLIO, Ariane Di; OLIVEIRA, Haydée Torres de. Educação ambiental pós-crítica como possibilidade para práticas educativas mais sensíveis. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 46, n. 3, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/9D6qd7BTPfKvwxT5Z74sBZg/>. Acesso em: 30 jun. 2025. DOI: <https://doi.org/10.1590/2175-6236104609>.

KASTRUP, Virginia O método da cartografia e os quatro níveis de pesquisa-intervenção. In: CASTRO, Lúcia Rabelo de; BESSET, Vera Lopes (Org.). *Pesquisa-intervenção na infância e juventude*. Rio de Janeiro: Trarepa/FAPERJ, 2008.

KOHAN, Walter Omar. *O mestre inventor: relatos de um viajante educador*. Trad. Hélia Freitas. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

KOHAN, Walter Omar. *Infância: entre educação e filosofia*. 2ª ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

KOHAN, Walter Omar. *Infância, estrangeiridade e ignorância: ensaios de filosofia e educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. 2ª ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. *Futuro ancestral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LARROSA, Jorge. O professor ensaísta [Entrevista feita por Camila Ploennes]. *Revista Educação*, mai. 2013. Disponível em: <https://revistaeducacao.com.br/2013/05/03/o-professor-ensaista/>. Acesso em: 12 de agosto de 2025.

LARROSA, Jorge. *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. Trad. Alfredo Veiga-Neto. 5ª ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

LATOURETTE, Bruno. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: 34, 2008.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. Tudo isso que chamamos de formação estética: ressonâncias para a docência. *Revista Brasileira de Educação*, v. 22, n. 69, abr./jun., 2017.



LOPONTE, Luciana Gruppelli. *Docência artista: arte, estética de si e subjetividades femininas*. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. *A pedagogia, a democracia, a escola*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

MEDEIROS, Fernanda Vieira de. *Cartografias com crianças: composições e paisagens que afirmam o desejo de uma vida bonita*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Espírito Santo, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufes.br/handle/10/2333>. Acesso em: 30 jun. 2025.

NASCIMENTO, Flávia Gisele. *Clube de arte na escola: espaço de criação e formação*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Paraná, 2016. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/45200>. Acesso em: 30 jun. 2025.

NIELSEN, Charlotte Svendler; SAMUEL, Gerard M.; WILSON, Lisa; VEDEL, Karen A. 'Seeing' and 'Being seen': an embodied and culturally sensitive arts-integrated pedagogy creating enriched conditions for learning in multi-cultural schools. *International Journal of Education & the Arts*, v. 21, n. 2, jan., 2020. Disponível em: <https://eric.ed.gov/?id=EJ1242861>. Acesso em: 30 jun. 2025.

NUNES, Kezia Rodrigues. *Infâncias e Educação Infantil: redes de sentidos produções compartilhadas nos currículos e potencializadas na pesquisa com as crianças*. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Espírito Santo, 2012. Disponível em <https://repositorio.ufes.br/items/3a1df34b-0160-48b7-9cb9-d9f9ddbf23db>. Acesso em: 30 jun. 2025.

PANTOJA, Roniqueli Moraes. *Instantâneos cartográficos de um currículo artífice*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Pará, 2018. Disponível em: <https://ppeb.propesp.ufpa.br/index.php/br/teses-e-dissertacoes/dissertacoes/125-2018>. Acesso em: 30 jun. 2025.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Pesquisas pós-críticas em educação no Brasil: esboço de um mapa. *Cadernos de Pesquisa*, v. 34, n. 122, p. 283-303, mai./ago., 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/JrF5H8r96wRTvTDLShYpcM/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 30 jun. 2025. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742004000200002>.



PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. *Pistas do método cartográfico: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2020.

PESSOA, Helen Moura. Educação ambiental e currículos nômades: conexões com a filosofia pós-estruturalista. *Ensaio: Pesquisa em Educação e Ciências*, Belo Horizonte, v. 24, 2022. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/epec/a/NTMrm6XJchhhzCSRMh6j9LS/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 30 jun. 2025. DOI: <https://doi.org/10.1590/1983-21172022240105>.

RAMALHO, Ivone Priscilla de Castro. *Infâncias, artes e naturezas: experimentações crianceiras entre movimentos poéticos no Núcleo de Educação da Infância (NEI-Cap/UFRN)*. 2025. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal-RN, 2025.

RAMALHO, Ivone Priscilla de Castro; COUTINHO, Karyne Dias. Infâncias, artes e naturezas: experimentações crianceiras entre movimentos poéticos na escola. *Eccos Revista Científica*. Dossiê Educação, Artes e Literatura. São Paulo, n. 73, p. 1-21, abr./jun. 2025. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/eccos/article/view/28608>. Acesso em: 22 jun. 2025. DOI: <https://doi.org/10.5585/2025.28608>.

RAMALHO, Ivone Priscilla de Castro; COUTINHO, Karyne Dias. Escrita-vida, um convite a poetizar a pesquisa em educação. *Revista Interinstitucional Artes de Educar (RIAE)*. Dossiê Pensamento poético: epistemologias, metodologias e narrativas artísticas na pesquisa e no ensino. Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, p. 180-196, set./dez., 2024a. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/riae/article/view/84756>. Acesso em: 22 jun. 2025. DOI: <https://doi.org/10.12957/riae.2024.84756>.

RAMALHO, Ivone Priscilla de Castro; COUTINHO, Karyne Dias (Org.). *Fotocartografias entre infâncias, artes e naturezas*. Natal: Caule de Papiro, 2024b. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/items/f3e6daae-edcb-4ea4-9700-8de713421ce0>. Acesso em: 22 jun. 2025.

RAMALHO, Ivone Priscilla de Castro; COUTINHO, Karyne Dias. Apresentação: um convite a habitar a escola poeticamente (p. 8-14) e Poéticas de um brincar (p. 66-151). In: CUNHA, Aysllane Junie Pessoa da; RAMALHO, Ivone Priscilla de Castro; COUTINHO, Karyne Dias *et al.* (Org.). *Habitar a escola: brincando entre materialidades e sentidos da natureza*. Natal-RN: Núcleo de Educação da Infância, 2024c. Disponível em:



<https://repositorio.ufrn.br/items/0dab10e7-b447-4452-86b1-ad1ce1873293>. Acesso em: 22 jun. 2025.

RAMALHO, Ivone Priscilla de Castro; COUTINHO, Karyne Dias *et al.* Interações e brincadeiras na e com a natureza: construindo uma escola das infâncias desemparedada. In: MEDEIROS, Blenda Carine Dantas de (Org.). *O lúdico na educação das infâncias: teoria e prática para a formação de professores*. Natal/RN: Núcleo de Educação da Infância, 2024d. p. 72-93. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/items/1d33d52c-5a99-40f3-ab96-3fa73ca127df>. Acesso em: 22 jun. 2025.

SESIGÜR, Ayça; EDDER, Semsettin. Place-based visual arts education in natural environment. *Pegem Eğitim ve Öğretim Dergisi*, v. 11, n. 1, 2021, p. 97-134. Disponível em: <https://eric.ed.gov/?id=EJ1286962>. Acesso em: 30 jun. 2025.

SILVA, Sandra Kretli da. Des/obedecer, des/dobrar, des/fiar e tecer uma ética da existência nos cotidianos escolares. *Educar em Revista*, Curitiba, v. 36, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/nqC993J3ppKnBrZQqmdnk4r/>. Acesso em: 30 jun. 2025. DOI: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.74327>.

SPINOZA, Benedictus de. *Ética*. Trad. Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

SOBRE A AUTORIA:

[*] Doutora em Educação pela UFRN. Professora do Núcleo de Educação da Infância (NEI/CAP-UFRN). Pesquisadora do Coletivo de Estudos Poéticas do Aprender (CNPq). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4786-184X>. Email: ivone@nei.ufrn.br.

[**] Doutora em Educação pela UFRGS, com Pós-Doutorado em Artes pela UNESP. Professora da UFRN, onde lidera o Coletivo de Estudos Poéticas do Aprender (CNPq), orientando pesquisas sobre conexões entre artes cênicas e educação, nos Programas de Pós-Graduação em Artes Cênicas (PPGARC) e em Educação (PPGED). Leciona componentes de Arte/Educação nas Licenciaturas em Teatro e Pedagogia da UFRN. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2703-5839>. Email: kdiascoutinho@gmail.com.

Submetido em: 15 de Julho de 2025.

Aprovado em: 25 de agosto de 2025.

Publicado em: Fevereiro de 2026.